

## OBJETOS TRIDIMENSIONAIS EM ARQUIVOS PESSOAIS DE CIENTISTAS

Michele de Almeida Gomes

Arquivista da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Especialista em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia

Maria Celina Soares de Mello e Silva

Arquivista do Museu de Astronomia e Ciências Afins  
Coordenadora do Curso de Especialização em Preservação de Acervos de C&T

### RESUMO

*Este trabalho tem por finalidade apresentar uma reflexão sobre os objetos tridimensionais de ciência e tecnologia depositados nos arquivos pessoais. O tema em análise está baseado no objeto tridimensional cuja área de estudo é de domínio da museologia, mas que também aparece nos arquivos. O estudo é realizado em arquivos pessoais de cientistas depositados no Arquivo de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins. É proposta uma categorização dos objetos nos acervos pessoais dos cientistas, baseada na função que esses objetos desempenham nos arquivos.*

**Palavras-chave:** *arquivo pessoal; objetos em arquivos; arquivos de cientistas; arquivo de ciência e tecnologia.*

### ABSTRACT

*This paper aims to present a reflection on the three-dimensional objects of science and technology deposited in personal archives. The subject of analysis is based on three-dimensional object whose area of study is the field of museology, but also appears in the personal archives of scientists. The study is conducted in personal archives of scientists deposited in the Archives of the History of Science at the Museum of Astronomy and Related Sciences. It proposes a categorization of objects in the holdings of scientists' personal archives, based on the role these objects play in the archives.*

**Keywords:** *personal archives; objects in archives; archives of scientists; scientific and technological archives.*

### 1. INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a Arquivologia vem tratando de documentos nos mais variados suportes, gêneros e tipos, incluindo os digitais, preocupação bem recente na área. Mas a questão dos objetos nos arquivos ainda é pouco estudada e controversa.

Quando se trata da produção documental das áreas de ciência e tecnologia, a questão torna-se mais evidente: o patrimônio científico e tecnológico compreende os bens materiais e simbólicos, produzidos e utilizados ao longo da trajetória da produção e difusão do conhecimento, dentre os quais se destacam: os acervos de gêneros textuais originados de instituições científicas e de ensino, coleções organizadas por estudiosos,

registros fonográficos e fotográficos, filmes, obras raras, máquinas e equipamentos, edifícios e instalações, bibliotecas, mapotecas, arquivos pessoais de cientistas, pesquisadores e professores (CNPq, 2003, p. 5). Os objetos<sup>32</sup> em geral também são produzidos e acumulados pelas instituições no decorrer de uma pesquisa científica ou tecnológica. Em muitos casos, tais objetos são adquiridos e preservados em instituições museológicas, ou como acervos museológicos.

Para tratar dos arquivos oriundos da prática científica e tecnológica e, em especial, dos arquivos pessoais de cientistas, há que se considerar que a produção e a acumulação de documentos alcançam uma abrangência muito grande de documentos, incluindo objetos. Assim, estudar a pertinência de se manter objetos nos arquivos é a questão a ser abordada neste trabalho.

## 2. OBJETOS EM ARQUIVOS E MUSEUS

Os objetos são documentos tipicamente de museus e mais raramente estão presentes nos arquivos. Para Menezes,

O museu possui objetos tridimensionais, originados da atividade humana ou da natureza, em geral exemplares únicos, produzidos por diversas fontes e reunidos, artificialmente, sob a forma de coleções em torno de seu conteúdo ou função. Trata-se de um órgão colecionador, lugar próprio organizado para coletar objetos, preservá-los e os classificar, estudar, publicar etc. (Menezes *apud* TESSITORE, 2002, p. 5).

Embora os museus sejam os guardiões privilegiados dos objetos, pertencentes ao domínio museologia, os arquivos também podem ter objetos como parte de seu acervo. Arquivar objetos tridimensionais também ocorre em especial nos arquivos pessoais, baseado na lógica do contexto de acumulação dos arquivos e no seu valor de testemunho. Os objetos tendem a interagir com os documentos, tornando-se parte integrante do todo orgânico dos documentos de arquivo.

Na arquivologia, a noção de documento é ampla. No Dicionário de Terminologia Arquivística (DICIONÁRIO, 1996, p. 28), documento é definido “como uma unidade constituída de informação e seu suporte”. Seja qual for a informação e o suporte.

Segundo Vásquez, etimologicamente, a palavra documento é criada a partir do verbo em latim “*docere*”, que significa *pequena enseñanza* e, em grego “*doxein*”, que significa parecer, a opinião de alguém (VASQUEZ, 1997, p. 12).

É importante salientar que, em todas as definições e significados sobre documentos, o suporte e a informação são componentes inerentes e essenciais para compor o documento, e o que os diferencia é a finalidade do uso.

<sup>32</sup> Neste artigo, utilizaremos o termo “objeto” como genérico para designar qualquer objeto, artefato, dispositivo, ferramenta etc., pois é o termo utilizado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Entender o objeto enquanto documento de arquivo não é trivial. Por não apresentarem uma linguagem na forma de texto, imagem ou som, faz-se necessário discutir o gênero documental tridimensional nos arquivos. Os documentos tridimensionais podem ser tratados como tipo ou como suporte informacional, mas são totalmente desprovidos de metadados.<sup>33</sup> A partir dessa compreensão, identifica-se, no arquivo, se o objeto tem atributos de funcionalidade e valor de prova das atividades desenvolvidas por uma pessoa. Segundo Camargo, essas características não estão implícitas em sua materialidade, pois os arquivos não foram produzidos para cumprimento de uma atividade-fim de uma pessoa. No entanto, estão a vaguear numa zona de penumbra ainda não definida pela área de arquivos, tendo em vista outros fatores (CAMARGO, 2007, p. 40).<sup>34</sup>

A definição de objeto tem sido tratada no âmbito da Museologia e não da Arquivologia. Para a museologia, artefato “é toda e qualquer coisa de material, logo um objeto de museu é toda e qualquer coisa de material a qual foi atribuída um determinado valor, por isso, foi incorporada num museu” (LOURENÇO, 2000, p. 43).

Buckland enumera quatro condições para que o artefato seja um documento de museu:

1. Materialidade – deve haver materialidade, ou seja, somente objetos físicos e sinais físicos podem constituir documentos;
2. Intencionalidade – deve haver a intenção de tratar o objeto como evidência de algo;
3. Processamento – os objetos devem ser processados, ou seja, devem ser transformados em documentos;
4. Fenomenologicamente – os objetos devem ser percebidos na qualidade de documentos (Buckland *apud* SMIT, 2008, p. 14).

Os artefatos, uma vez contemplados como documento, com suas categorias de informação e com diversos contextos acima descritos, também são acumulados pelos arquivos pessoais. Nesse caso, além dos contextos museológicos e arqueológicos inferidos pela museologia, incorporarão um novo contexto proposto pelos arquivos pessoais: o contexto de acumulação, formando um conjunto articulado e indissociável. É possível que a característica mais marcante para o objeto ser considerado documento de arquivo seja justamente a da acumulação.

<sup>33</sup> São documentos desprovidos de informações, que necessitam de complementos para que sejam recuperados e difundidos para fins de pesquisa.

<sup>34</sup> Nos arquivos pessoais, a zona de penumbra é identificada por Camargo como sendo os documentos que não têm valor probatório, mas que por serem produtos e acúmulos de uma pessoa, compõem os arquivos, e por isso são excluídos das competências arquivísticas. Os objetos tridimensionais foram incluídos nesta zona de penumbra.

Para a Arquivologia, além do contexto, é necessário identificar o gênero documental. A classificação quanto ao gênero se dará pela forma como a informação foi registrada. A questão que se coloca é: como identificar o gênero documental dos objetos nos arquivos? No Dicionário de Terminologia Arquivística:

Gênero documental é configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizado na comunicação de seu conteúdo (DICIONÁRIO, 1996, p. 41).

Na Museologia, conforme Loureiro, os objetos museológicos<sup>35</sup>, antes de serem classificados, passam pelo processo de musealização, que é dado pelo ingresso de uma coleção museológica no museu, gerando processos informacionais. Com a perda de sua utilização, são agregados novos valores aos objetos, e novas funções provenientes de sua recontextualização. Nos arquivos, ocorre algo semelhante: o objeto deixa de ser considerado pela função para a qual foi criado, e passa a exercer a função de testemunho de uma atividade. Nos museus, os objetos não são considerados pelo seu gênero, classe ou espécie, mas sim pelos tipos de objetos. Nas coleções museológicas de museus científicos, os tipos de objetos são identificados por: espécime, instrumentos científicos e imagens de diferentes naturezas. As categorias de objetos são identificadas por artefatos (coisas concretas e perceptíveis) e *naturalia*, exemplificados por: animais empalhados e um pedaço de rocha, além dos mentefatos (dados abstratos) independente dos suportes físicos, exemplificado por: textos, gráficos, bases de dados, eletrônicas, música (LOUREIRO, 2007, p. 13-14).

Nos arquivos, não há uma categoria própria para os objetos. Logo, é preciso entender o que é o objeto tridimensional no arquivo e estudar como categorizá-los. Entender o que é documentação tridimensional em arquivos é um desafio, pois o princípio norteador dos arquivos é o caráter probatório, o que não é uma característica particular de um tridimensional. A natureza do objeto é simbólica e carregada de contextos. Mas o valor de testemunho de uma atividade pode ser considerado. As autoras Camargo e Goulart abordam a questão a partir do entendimento do que é documento tridimensional e sua relação com o arquivo sob o ponto de vista da funcionalidade:

Entende-se por documentação tridimensional aquela formada por objetos ou artefatos cuja funcionalidade de origem é, na sua maioria, alheia ao caráter probatório e referencial que assumem *a posteriori*, sobretudo por sua natureza simbólica, em relação aos demais componentes de arquivo. A manutenção do estatuto documental dos objetos depende, por isso mesmo, do contexto em que foram produzidos ou acumulados. (CAMARGO e GOULART, 2007, p. 106).

35 O conceito clássico de objeto museológico remete ao processo de musealização, conjunto de ações caracterizadas pela separação/deslocamento do contexto original e privação das funções de uso de alguns objetos, que passariam a desempenhar a função de documentos.

Camargo comenta que, diante das especificidades dos documentos tridimensionais em arquivos, o gênero documental pode ser também definido por sistemas de signos (linguagens) designados por três tipos representados: a palavra escrita, a imagem e o som, sistemas estes que estão ausentes nos objetos tridimensionais quando depositados nos arquivos pessoais. Mesmo sem uma linguagem que o represente enquanto um gênero documentário, os artefatos possuem status documental quando relacionados ao contexto de acumulação (CAMARGO, GOULART 2007, p. 62). As autoras propõem a inclusão do gênero documentação tridimensional (ou realia), mesmo que não haja a linguagem para representá-lo, conforme a ilustração do Quadro 1.

Quadro 1. Gênero e Linguagem Documental

GÊNERO	LINGUAGEM BÁSICA PREDOMINANTE
Documentação textual	Palavra escrita / texto
Documentação sonora (ou fonográfica)	Palavra falada / música / som
Documentação iconográfica	Imagem
Documentação audiovisual	Som + imagem
Documentação tridimensional (ou realia)	Nenhuma (objetos, artefatos)

Para as autoras, a justificativa vem da Diplomática:

(...) A explicação do emprego da palavra *documento* em lugar de espécie<sup>36</sup> ou tipo documental.<sup>37</sup> Preferimos adotar termos que pudessem exprimir com idêntica pertinência, as unidades de descrição presentes nas bibliotecas e nos diferentes gêneros que integram o arquivo, inclusive os objetos. A universalidade da palavra atende ainda aos inúmeros casos em que o documento é conhecido por atributos alheios à espécie, como ocorre com o formato (livro-caixa, caderneta de campo, cartão de ponto), meio de transmissão (telegrama) e técnicas de registro (fotografia) (CAMARGO e GOULART, 2007 p. 67).

36 Configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas. (DICIONÁRIO, 1996, p. 34).

37 Configuração que assume uma espécie documental, de acordo com a atividade que a gerou. (DICIONÁRIO, 1996, p. 74).

Porém, há autores que discordam de que os documentos tridimensionais devam ser depositados nos arquivos. Um deles é Vasquez (1997), que dedica um capítulo para os “Casos Especiales de documentos de archivo”, com um subcapítulo para esses documentos. O autor se refere a objetos de uso geral, utilizados em escritórios, questionando a possibilidade dos mesmos serem considerados documentos de arquivo. Ele comenta que não é possível considerá-los como tal, uma vez que não realizaram nenhum trâmite, são ferramentas utilizadas para produzir os documentos. Apesar de servirem como testemunho de uma ação, os documentos tridimensionais não devem ser considerados e preservados junto com documentos de arquivos. Todavia, considera que os documentos tridimensionais como provas, compondo um conjunto documental de uma ação judicial, estão caracterizados como documentos de arquivos. Ainda assim, o autor descarta a possibilidade de o mesmo ser depositado nos arquivos:

*Una vez encuentre que las pruebas físicas de expedientes penales, tales como armas, ropa y calzado se guardaban en el archivo, como anexas a la respectiva causa. La legislación vigente en ese lugar las consideraba parte integrante de los autos, las convertía en documentos de archivo. Esto ha de evitarse tramitando la corrección de esa legislación tales evidencias deben ser remitidas a un departamento técnico (VASQUEZ, 1997 p. 48).*

Na mesma concepção de Vasquez, Bellotto discorre sobre o objeto tridimensional, confirmando que poderá ser documento de arquivo quando o mesmo tiver valor de prova. Dessa forma, elucida:

Pelo arquivo, o material de uma gama infinitamente variável (desde uma tabuleta assíria ou um relatório impresso de empresa até as provas-objeto de um processo judiciário), oriundo de atividade funcional ou intelectual de instituições e pessoas, e produzido no decurso de suas funções; pelo museu, os objetos que tanto podem ter origem artística quanto funcional (BELLOTO, 2004, p. 36).

Em oposição, Martins considera que os artefatos encontrados em ambientes de pesquisa e ciência, mais precisamente nas universidades, são documentos que competem ao tratamento e à preservação da museologia, uma vez que não cabe ao arquivo preservá-los e tratá-los. Para o autor,

... embora a arquivologia deixe à museologia a preservação e o tratamento de objetos tridimensionais, os instrumentos materiais relacionados com os trabalhos, aparelhos, ferramentas, modelos, móveis especiais, substâncias químicas, vegetais, minerais e animais,” ainda assim são deixados de lado, tornam-se obsoletos, estão relegados a um passado de desmonte (MARTINS, 1992, p. 10).

Já Lopez defende que os documentos tridimensionais podem ser entendidos como documentos de arquivos e mantidos em seus depósitos, mesmo que não possuam características próprias de arquivo, justificando que o contexto de acumulação é que deve ser predominante. A relação entre os documentos arquivísticos e os objetos deve ser mantida e as atividades e funções refletidas por essa relação:

Mesmo os documentos que não se enquadram estritamente nas características típicas podem ser entendidos enquanto documentos de arquivo, desde que tenham sido produzidos no decorrer de alguma função inerente à vida do titular (instituição ou pessoa física) e tenham sido preservados como prova de tal atividade. Para que isso ocorra, é necessário que a guarda dos documentos não tenha sido corrompida, e que seja possível identificar as relações entre os documentos, entre estes e as atividades, entre o conjunto e o titular (LOPEZ, 2003, p. 75).

Para Borges, se os objetos tridimensionais forem considerados como peças que compõem as coleções museológicas, estando eles presentes nos arquivos pessoais, os mesmos poderão ser enviados à área museológica. Isso não significa que eles não possam estar representados nos fundos<sup>38</sup> arquivísticos:

A separação desses objetos dos arquivos, por serem consideradas peças de coleções museológicas, não inviabiliza a representação dos mesmos no arranjo de um fundo arquivístico, pois é possível preservar a informação sobre a origem e usos dos mesmos nos instrumentos de pesquisa do arquivo e do museu. A discussão sobre o recebimento desses objetos pelo arquivo deve ser iniciada antes dos procedimentos de recolhimento e captação de acervo (nos casos de arquivos pessoais e de outras instituições) (BORGES, 2008, p. 27).

Borges propõe duas soluções: ao optar pela decisão de manter os objetos na instituição museológica, as informações destes artefatos estarão relacionadas aos fundos arquivísticos. Ou, na opção de preservá-los nos arquivos, as instituições deverão normalizar os procedimentos do recolhimento sob a responsabilidade nos arquivos.

Outra questão a ser enfrentada pelos arquivos é a decisão de manter ou não os objetos arquivados, considerando-se seu acondicionamento e preservação. Optando-se por não preservá-los nos arquivos, de alguma forma é possível representá-los, utilizando-se de outros gêneros documentais, como o iconográfico ou o textual, com documentos que o descrevem e também a utilização. Dessa maneira, cria-se uma série

38 Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística (1996, p. 40), o fundo é a unidade constituída pelo conjunto de documentos acumulados por uma entidade que, no arquivo permanente, passa a conviver com arquivos de outras.

de documentos que irão descrever o objeto. A outra possibilidade seria a de custodiar documentos que retratam a trajetória do objeto nos arquivos, aproveitando-se de documentos já produzidos pelas atividades, e não produzindo outros novos com objetivo específico de descrever objetos.

A manutenção dos objetos pressupõe, assim, espaço para o armazenamento. O arquivo deve refletir sobre esta questão. Silva analisa dois artigos sobre experiências de preservação de objetos em instituições científicas. Uma das instituições é a *Royal Institute of Technology*, na Suécia, e a outra é a *Universidade Heroit-Watt* no Reino Unido (SILVA, 2007, p. 38). A primeira instituição optou por conservar nos arquivos os modelos (maquetes), produzidos por trabalhos acadêmicos de estudantes de arquitetura. A solução encontrada foi produzir fotografias desses modelos optando por não arquivá-los, e sim preservar os registros fotográficos sobre como foram produzidas as maquetes. No segundo caso, a instituição optou pela guarda dos objetos históricos nos arquivos da Universidade. A justificativa foi a de não haver outro local que pudesse conservar os objetos, sendo assim, optaram por arquivá-los em função do seu valor simbólico e histórico para a Universidade. Este arquivo virou uma reserva técnica, um embrião para abrigar todo e qualquer tipo de coleção museológica. Neste caso, os documentos museológicos se sobrepuseram aos documentos arquivísticos.

Na experiência francesa, o programa ARISC<sup>39</sup> - *Archives Issues des Sciences Contemporaines* considera que os documentos de arquivo podem ter outros suportes e formatos documentais, que retratam o desenvolvimento científico e tecnológico francês, e são passíveis de preservação. Para o Programa, não importa o material, mas a informação que esse suporte documental carrega sobre ele. Contudo, é necessário pensar como conservar estes documentos. A fotografia e os filmes, os arquivos informáticos, os instrumentos científicos: todos estes materiais são dotados de informações que contextualizaram a história da ciência em um determinado tempo (SILVA, 2006, p.101)

*Les documents évoqués jusqu'à présent ont tous un support papier: on peut considerer comme des archives traditionnelles. Mais les archives ne se définissent pas par leur support: elles incluent l'ensemble des documents, quel que soit leur aspect matériel, qui permettent de connaître l'activité d'une personne ou d'une institution. Une photographie, une base de données, une éprouvette sont des documents d'archives au même titre qu'un rapport ou un cahier de laboratoire: aussi doit-on se préoccuper sérieusement de leur conservation.*<sup>40</sup>

39 O *Archives Issues des Sciences Contemporaines* (ARISC) é um programa criado na França em 1993, no âmbito de um convênio entre o *Centre National de Recherche Scientifique* - CNRS e o Ministério da Cultura, com o objetivo de estudar documentos, materiais e de propor soluções originais de conservação, de forma a constituírem verdadeira memória do trabalho científico. O programa ARISC versa sobre documentos em papel, fotografias e objetos, indicando soluções do que deve ser conservado (SILVA, 2006, p. 101).

40 Le programme Arisc: La mémoire des laboratoires. Documents papier, photographies, objets: que faut-il conserver?. Disponível em <[www.cnrs.fr/Archives/ARISC/H/oitils/memoirelabo.htm](http://www.cnrs.fr/Archives/ARISC/H/oitils/memoirelabo.htm)>. Acesso em: 10. out. 2010.

O programa ARISC também apresenta duas soluções. A primeira é realizar campanhas para salvaguardar o patrimônio científico com a tentativa de sensibilizar as instituições científicas para preservar os seus documentos. A segunda é guardar os registros de utilização dos objetos, como forma de atestar e provar a existência, uso e acúmulo pelo cientista, na impossibilidade de mantê-lo.

Conservar os documentos tridimensionais seria uma questão posterior para Welfelé, que traz à luz de reflexão, questões como a opção de guardar no arquivo a prova ou os documentos que a descrevem, ou os registros do nascimento de uma experiência; de um laboratório, dentre outros (WELFELÉ, 2004, p. 70-71).

Para Maher, que discorre sobre o gerenciamento de arquivos de universidades, os objetos podem fazer parte do acervo arquivístico de uma universidade, embora isto não seja o ponto central de sua missão (MAHER, 1992). Para o autor, os objetos são mais bem entendidos dentro dos conceitos de cultura material que é próprio do mundo dos museus, do que do conceito de cultura documental que é básico para os arquivos. Mas, ao adquirir objetos, especialmente oriundos de arquivos pessoais de professores e alunos, para as universidades, o autor diz que o arquivista deve dividi-los em três categorias (MAHER, 1992, p. 266):

- 1) Portadores de informações: objetos desenhados para transportar informações textuais ou de leitura simbólica aparente, incluindo prêmios, certificados, bônus, crachás, banner, bandeiras, e produtos e pacotes comerciais (como latas especiais de refrigerante ou cerveja) desenhados para comercializar um produto ou a instituição;
- 2) Vestígios físicos de eventos, lugares e pessoas: objetos que uma vez foram utilizados para cumprir alguma função relativa à instituição, como uniforme de alunos, espadas de unidade militar, chapéus, gorros, bola de futebol, bastão, tijolos de construções antigas, mobiliário e, em pelo menos um caso, resquícios físicos de uma pessoa<sup>41</sup> associada com a fundação da instituição;
- 3) Objetos cerimoniais: objetos deliberadamente criados para formalmente comunicarem dados sobre um evento ou façanha para o futuro, incluindo troféus, pás inovadoras, quadros, presentes de ou para visitantes dignitários.

Essas categorias definidas por Maher atendem às necessidades daquele contexto. O importante para se ressaltar é que podem ser consideradas como parte integrante de um acervo arquivístico pessoal doado a uma instituição de ensino e pesquisa, mesmo o autor ressaltando que o arquivista, no seu entendimento, não deve devotar muito tempo a esse material.

41 O autor menciona o caso da doação do esqueleto coberto e a cabeça mumificada de Jeremy Bentham à Universidade de Londres.

Como se pode verificar, a literatura sobre arquivos de ciência e tecnologia aponta para a possibilidade de se ter objetos como acervo arquivístico, tendo em vista que a produção, adaptação e utilização de objetos é uma característica da prática científica. Assim, categorizá-los nos arquivos é uma questão a ser estudada.

### 3. OBJETOS EM ARQUIVOS PESSOAIS DE CIENTISTAS

Os arquivos pessoais são considerados um conjunto de documentos, de origem privada, produzidos, recebidos e acumulados por pessoas físicas, e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas ao longo de suas vidas. Segundo Oliveira (2008, p. 38), tais documentos são evidências de uma pessoa e de seu papel na sociedade.

Os arquivos pessoais são providos de potencial informativo em comparação aos arquivos corporativos, pois seus documentos apresentam traços de personalidade, juízos de valor, preconceitos, anseios, opiniões expressadas pelo produtor, bem como os tipos de atividades desenvolvidas no decorrer da sua vida, que não serão encontradas nos arquivos de pessoas jurídicas (Oliveira, 2008, p. 39).

Camargo afirma que os documentos acumulados pelo produtor, em sua trajetória de vida, são passíveis de permitir reconhecimento da organicidade dos documentos, a partir das atividades que lhes deram origem. Os diferentes tipos de registros no arquivo não impedem que se estabeleça o vínculo de funcionalidade e do contexto de produção (CAMARGO, 2008 p. 8). Desta forma, os objetos tridimensionais podem ser incorporados aos acervos arquivísticos, quando for identificada a sua interrelação e tiver uma função representativa nestes arquivos.

Os arquivos pessoais de cientistas são constituídos por documentos produzidos e recebidos por um cientista no curso de suas investigações científicas, além de outras funções e atividades profissionais e pessoais. Como consequência, nos arquivos pessoais de cientistas é comum encontrarmos objetos de diversos formatos e dimensões, acumulados por diversas razões. Ao serem entregues pelas famílias, os documentos em suporte papel vão acompanhados de diferentes gêneros documentais, tais como iconográficos, sonoros e filmográficos. Em alguns casos, também objetos tridimensionais, que são entregues às instituições arquivísticas, a museus e/ou outros custodiadores. Esses arquivos apresentam diversidades de gêneros, tipos e suportes, com uma variedade documental que, junta, constitui o fundo arquivístico. Nele, todos esses documentos são indivisíveis e indissociáveis.

A justificativa de se manter tais objetos nos arquivos pessoais de um cientista pode ser norteadada pela conservação das “lembranças históricas”. Os cientistas guardam esses objetos como “reliquias” ou lembranças de seus feitos, acrescentando-os em seus arquivos privados.

Segundo Joux, os objetos tridimensionais são abordados como casos particulares. Para a autora, os “objetos tridimensionais” são incluídos como documentos de arquivo de uma pessoa (JOUX et al, 2008, p.143). Os autores apresentam, como solução para viabilizar a relação entre os documentos, o preparo de

instrumento de pesquisa capaz de integrar os documentos (arquivísticos, bibliográficos e museológicos) no arquivo de um único produtor, a fim de suavizar as fronteiras que existem entre essas áreas.

A literatura arquivística brasileira se apresenta escassa de textos que tratam especificamente dos objetos no campo da ciência e tecnologia em arquivos pessoais. Uma das autoras que aborda a questão dos objetos tridimensionais e sua relação orgânica com as funções e atividades desenvolvidas pelo cientista, assim como os tipos de objetos encontrados é Borges:

Estes objetos (medalhas, objetos pessoais diversos, instrumentos científicos, espécies coletadas em pesquisas, lâminas e muitos outros) são documentos que muitas vezes tiveram a sua origem nas atividades desenvolvidas pelo cientista, por um laboratório ou instituição, e que, portanto, possuem relação orgânica com o acervo arquivístico produzido por instituições ou pessoas (BORGES, 2008, p. 27).

Borges explica que os objetos são identificados como documentos de arquivo pela natureza de suas informações, pois refletem as atividades dos cientistas. A autora aponta para a falta de uma política arquivística de aquisição e descarte, de espaço físico e de condições para preservar os documentos tridimensionais, afirmando ser necessário preservar no arquivo o contexto de produção e a função do objeto no desempenho de atividades do cientista. A forma de estabelecer a relação do contexto de produção, da função do objeto e das atividades desempenhadas pelo cientista se dará a partir da atividade de documentar estes registros, contemplados por outros tipos documentais que poderão compor o acervo.

Se não for possível preservar os equipamentos e demais objetos que constituem determinados acervos, é preciso preservar o contexto arquivístico no qual esses documentos se inserem, sinalizando que os registros sobre a existência desses objetos foram produzidos para complementar as lacunas documentais em seu formato original, no caso, através da atividade de documentação (BORGES, 2008, p. 28).

Os objetos nos arquivos justificam-se, assim, pelo contexto de acumulação.

### 4. OS OBJETOS NOS ARQUIVOS PESSOAIS DO MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

O MAST é uma Unidade de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia criada em 1985, tendo como missão a ampliação do acesso da sociedade ao conhecimento científico e tecnológico por meio da pesquisa, preservação de acervos e divulgação da ciência e da tecnologia no Brasil. Desde sua criação, o MAST recebe arquivos pessoais de

cientistas por doação e vem implementando uma política de aquisição e descarte para regular as aquisições. Os documentos dos arquivos pessoais do MAST são caracterizados por seus diferentes suportes, tipologias, e pelos gêneros textual, iconográfico, sonoros, audiovisuais. Além desses, há os documentos tridimensionais que são identificados como suporte documental, uma vez que não possuem linguagem própria para que possa ser tipificado como gênero documental. Neste caso, os suportes documentais recebem tratamento e acondicionamento diferenciado.

A política de aquisição estabelecida pelo MAST prevê que todos os acervos pessoais doados e recolhidos que contenham documentos tridimensionais serão incorporados aos instrumentos de busca do Arquivo. Os tridimensionais serão considerados documentos de arquivo, desde que haja relação orgânica com os demais documentos do arquivo. A conservação, descrição e codificação serão realizadas pelo setor responsável pela guarda dos documentos museológicos, seguindo as normativas da Museologia.

No Arquivo de História da Ciência do MAST estão depositados, tratados e preservados trinta e dois (32) fundos pessoais de cientistas, técnicos, engenheiros e gestores de ciência. Junto com os documentos desses fundos foram adquiridos objetos. Para a análise da função dos objetos nesses arquivos, foi estudada uma forma de categorizar os documentos tridimensionais a partir das funções que os mesmos desempenham nos conjuntos documentais. Tomando como base o *thesaurus*<sup>42</sup> para acervos museológicos e a análise dos inventários<sup>43</sup>, foram identificados os fundos que possuem objetos tridimensionais; as áreas de conhecimento de atuação do cientista; a quantidade dos documentos tridimensionais. No *Thesaurus* para acervos museológicos, que agrupa os termos por categorias de objetos, dentre tantas categorias, destacam-se:

1. CATEGORIA OBJETO DE TRABALHO – Objetos usados pelo homem nas suas atividades de trabalho.
2. CATEGORIA OBJETO COMEMORATIVO – Objetos cuja função principal é homenagear pessoas e lugares, ou comemorar eventos, e que, geralmente não cumprem função utilitária.
3. CATEGORIA OBJETO PESSOAL – Objetos criados para servir as necessidades pessoais dos indivíduos, tais como, proteção e higiene do corpo, adorno, crença.
4. CATEGORIAS OBJETOS INSÍGNIAS – Objetos usados como sinais, distintivos, individuais ou coletivos, de função, dignidade, posto, comando, poder, nobreza, nação.

42 A definição de *thesaurus* é entendida com um conjunto de termos que sofreram controle e de relações que definem os seus conteúdos semânticos, tais como relações de equivalência, genéricas, associativas e participativas (FERREZ, BIANCHINI, 1987, 1).

43 Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística (1996, p. 45), inventário é um instrumento de pesquisa em que a descrição exaustiva ou parcial de um fundo ou de uma ou mais de suas subdivisões toma por unidade a série, respeitada ou não a ordem de classificação.

É importante destacar que o *thesaurus* de coleções museológicas tem por finalidade classificar os objetos pela sua função original, sem levar em conta o uso.<sup>44</sup> No arquivo, optou-se por elaborar as categorias classificando os objetos baseando-se nas funções que os mesmos desempenham nos arquivos. Independente do critério de classificação adotado para os documentos em outros suportes, os tridimensionais poderão ser abordados de acordo com a função ou a intenção de sua guarda, de acordo com uma proposta de categorias para os arquivos pessoais do MAST, conforme exposto a seguir no Quadro 2.

Quadro 2. Categorias de objetos em arquivos pessoais de cientistas no MAST

CATEGORIAS <sup>45</sup> DOS OBJETOS	DEFINIÇÃO
1. OBJETO DE USO PESSOAL	Objetos de uso pessoal utilizados por cientistas em trabalhos científico e/ou tecnológico, porém que não interferem no trabalho propriamente dito.
2. OBJETO DE TRABALHO CIENTÍFICO	Objetos utilizados no trabalho científico, como instrumentos científicos, ferramentas e utensílios em geral, além de objetos recebidos e coletados pelo cientista em trabalho científico (como espécimes biológicos, mineralógicos ou botânicos).
3. OBJETO COMEMORATIVO	Objetos recebidos pelo cientista em homenagens e comemorações diversas, como reconhecimento por seu trabalho científico, acadêmico ou por relações pessoais.
4. OBJETO PRESENTE	Objetos recebidos por cientistas como presentes, fruto de acúmulo que tanto pode ser de origem pessoal ou profissional.
5. OBJETO INSÍGNIA	Objetos utilizados como sinais distintivos, individual ou coletivo do cientista, destacando a função, dignidade, posto ou comando no decorrer das atividades profissionais.

As categorias foram divididas em cinco, considerando o universo dos objetos representados em cada uma. Para cada categoria foram listados os tipos de objetos presentes nos arquivos. De acordo com levantamento dos documentos tridimensionais<sup>46</sup> e suas especificidades na organização nos fundos de arquivos pessoais, este trabalho teve o propósito de identificar acervos, quantidade, categorias, tipos de objetos, área de conhecimento e a função que estes exercem dentro dos arquivos, conforme apresentado no Quadro 3.

44 O MAST está desenvolvendo um *Thesaurus* específico para materiais vinculados às atividades de C&T. O mesmo poderá servir de base para compor outras categorias que poderão surgir ao longo do tempo nos arquivos pessoais de cientistas.

45 Segundo Ferrez e Bianchini, pode-se atribuir o termo a categorização ou classificação ao se construir um *thesaurus*.

46 O levantamento foi realizado apenas nos inventários publicados e disponíveis para consulta.

**Quadro 3. Categorias e tipos de objetos tridimensionais nos arquivos pessoais de cientistas do MAST**

FUNDO (SIGLA)	ÁREA DE CONHECIMENTO	CATEGORIA DO OBJETO (FUNÇÃO NO ARQUIVO)	TIPO DE OBJETO
Alexandre Giroto (AG)	Físico-química	Objeto Presente	1 Medalha comemorativa
		Objeto Comemorativo	1 Alfinete 2 Placas Comemorativas
		Objeto de trabalho científico	1 Pedra de urânio
Bartyra Arezzo (BA)	Química	Objeto de trabalho científico	1 Régua de Cálculo 1 Aparelho de Kipp
Hervásio de Carvalho (HC)	Física Nuclear e Radioquímica	Objeto Comemorativo	1 Medalha
Luiz Cruls (LC)	Engenharia Civil e Astronomia	Objeto de uso pessoal	1 Cantil
Olympio da Fonseca (OF)	Medicina	Objeto Presente	33 Medalhas
		Objeto Comemorativo	6 Medalhas 2 Placas 1 Colar 1 Epitoga
		Objeto Insígnia	2 Pingentes 4 Broches 8 Medalhas condecorativas 6 Condecorações 1 Barreta 10 Roseta ou Plissé
<b>TOTAL = 5 FUNDOS, 5 categorias de objetos</b>			

Nos cinco fundos apresentados foram detectados cinco tipos de categorias de objetos, adaptadas do *thesaurus* de coleções museológicas. Vale destacar algumas informações: no arquivo AG, o objeto tridimensional é uma amostra da pedra de urânio, descoberta em pesquisa de campo do cientista. A descoberta deste fragmento mineral foi importante para o trabalho científico de Giroto, pois durante algum tempo em sua vida ele foi financiado pelo CNPq para encontrar urânio no subsolo brasileiro. A amostra da pedra revela o sucesso de suas pesquisas. No acervo existem relatórios e outros tipos documentais que mencionam a pedra e o trabalho do cientista para encontrá-la, fazendo com que a pedra seja um “vestígio” de sua atuação profissional, estabelecendo, assim, uma relação orgânica desta com os documentos, contextualizando-a. Este objeto foi categorizado em “Objeto de Trabalho Científico”.

No fundo BA, os objetos são instrumentos científicos utilizados no decurso das atividades profissionais da pesquisadora. Estes dois instrumentos foram significativos para as descobertas de suas pesquisas, pois eram utilizados em laboratório e tiveram uma relevância para a trajetória profissional da pesquisadora em função de suas experimentações. Provavelmente a cientista os guardou por representar os frutos de sua conquista do trabalho científico. Um dos objetos encontra-se atualmente em exposição no MAST. Estes objetos foram classificados na categoria “Objeto de trabalho científico”.

No fundo LC, o objeto é um cantil utilizado em expedições científicas, como a expedição ao Planalto Central com o objetivo de demarcar o território onde seria construída a cidade de Brasília. O objeto era de uso pessoal de Cruls, não interferindo nas suas atividades científicas. Sendo assim, foi classificado na categoria de “Objeto de Uso pessoal”.

Em suma, esses objetos são considerados pelo MAST como documentos de arquivo, desde que possam servir de testemunhos das funções e atividades exercidas pelo cientista no decurso de sua vida, sejam de uma ação pessoal, profissional, afetiva, por motivos de comemoração ou pelas atribuições científicas realizadas em laboratório ou em campo. Apesar de o MAST considerar esses documentos como pertencentes ao arquivo pessoal, no que diz respeito ao tratamento e preservação, reconhece que deve ser uma atividade desenvolvida pela Coordenação de Museologia. De acordo com a recente “Política de Aquisição e Descarte de Acervos” do MAST, esses objetos são incluídos no inventário do arquivo, mas são transferidos para o processamento técnico e a preservação de museólogos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja uma questão controversa, a preservação de objetos tridimensionais em arquivos pessoais tem respaldo na literatura e na experiência prática de algumas instituições. No caso do arquivo, os materiais, independente do suporte, devem possuir contextos e vínculos para que possam ser compreendidos como documentos de arquivo. Além do contexto, o objeto tridimensional pode ser considerado gênero documental, mesmo que não apresente uma linguagem específica, retirando o título atribuído pela literatura arquivística de “casos especiais”.

A decisão de manter ou não os objetos doados pelos cientistas ou familiares no arquivo é um desafio para as instituições de guarda. É preciso refletir sobre as razões da guarda, identificando a ligação dos objetos com os demais documentos do arquivo. A razão da acumulação é importante para a compreensão do objeto no arquivo e, conseqüentemente, para a decisão de preservá-lo. Consideramos que a guarda dos objetos nos arquivos pessoais está intimamente relacionada à razão da acumulação. Assim, nestes casos, devemos tratar o titular do arquivo como acumulador, não necessariamente produtor.

A reflexão sobre os objetos em arquivos, a partir da análise dos arquivos pessoais de cientistas custodiados pelo MAST, proporcionou a elaboração de categorias e tipos de objetos tridimensionais, que contribuem para a compreensão dos objetos nos arquivos pessoais. As categorias propostas por este trabalho representam o papel que os objetos desempenham no arquivo, e não as funções para as quais foram criados, como é na Museologia. Foi possível detectar que cada objeto preservado como documento de arquivo exerceu uma função específica, e teve uma relação estreita com a documentação de outros gêneros, o que lhe garantiu o status de documentos de arquivo. Cada um deles foi preservado no arquivo como testemunho de uma ação, seja pessoal ou profissional.

Vale ressaltar que as categorias foram elaboradas exclusivamente para atender às características dos arquivos pessoais de cientista do acervo do MAST. É uma proposta inovadora para a instituição e que ainda está passível de uma análise mais abrangente; levando-se em consideração o papel dos objetos nos arquivos, cada caso deve ser avaliado individualmente.

Para os arquivos provenientes das atividades de ciência e tecnologia, arquivistas devem levar em consideração os objetos e suas relações com os demais documentos do arquivo, antes de simplesmente descartá-los. Julgamos pertinente receber, adquirir e preservar documentos tridimensionais em arquivos pessoais, uma vez que sejam avaliados como documentos de arquivos, desde que tenham estreita relação com os documentos arquivísticos, e que existam normativas para que este procedimento se efetive. Por fim, verificamos que, quanto à função desempenhada pelo objeto nos arquivos do MAST, a principal seria a de servir como testemunho das atividades dos cientistas.

Este estudo propiciou o desafio de especificar de forma mais organizada dentro de cada acervo, as funções diretamente relacionadas ao objeto com as atividades de seu acumulador. A decisão pela aquisição dos objetos no arquivo está diretamente pautada nas diretrizes bem definidas pelo MAST. Certamente as seleções futuras serão decididas com mais rigor, respeitando-se as particularidades de cada acervo em consonância com as linhas de atuação da instituição.

Por fim, o tema dos objetos nos arquivos é instigante e merece mais estudos por parte dos arquivistas. Esperamos que este estudo venha a contribuir para incentivar e promover o debate em torno do tema.

## BIBLIOGRAFIA

- ARCHIVES NATIONALES. La constitution des Fonds. In: **Les Archives personnelles des scientifiques: classement et conservation**. Paris: Direction des Archives de France, 1995. p. 13-17.
- BELLOTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2 ed. rev e ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- BORGES, Renata Silva. Arquivo de História da Ciência e a organização de arquivos pessoais de cientistas. In: **Encontro de Arquivos Científicos**, 1, 2006, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.
- \_\_\_\_\_. Objetos tridimensionais em arquivos científicos: levantamento preliminar nos arquivos sob custódia do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. In: **Encontro de Arquivos Científicos**, 3, 2007, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 23-31.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Conceituação e características dos arquivos científicos. In: **Encontro de Arquivos Científicos**, 2., 2005, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: MAST, 2006.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007. p. 21-24.
- \_\_\_\_\_. Sobre arquivos pessoais. **Revista Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul/dez. 2008.
- CNPq. Política Nacional de Memória da Ciência e da Tecnologia. **Relatório da Comissão Especial constituída pela Portaria 116/2003 do Presidente do CNPq, 04 de julho de 2003**. Brasília, DF: Ministério de Ciência e Tecnologia, 2003. p. 4-10.
- **DICIONÁRIO de Terminologia Arquivística**. São Paulo: Núcleo Regional de São Paulo/Associação dos Arquivistas Brasileiros, Secretaria de Estado da Cultura, 1996. 142p.
- DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 151-168, 1998.
- FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI Maria Helena S. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. v. 2, 86 p. (Série técnica, 1).
- JOX, Christine de, et al. **Manual pratique et juridique: la documentation française**. Paris: Direction des Archives de France, 2008. p. 129-143.
- LOPEZ, André Porto Ancona. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. **Revista Gragoatá**, v. 15, n. 2, p. 75, 2003.

• LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Fragmentos, modelos, imagens: processos de musealização nos domínios da ciência. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.8, n. 2, artigo 1, abr. 2007. Disponível em: <www.dgz.org.br/abr07/Art\_01.htm>. Acesso em 17 nov. 2010.

• LOURENÇO, Marta C.C. **Museus de ciência e técnica: que objetos?** Dissertação (Mestrado) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 2000.

• MAHER, William J. **The management of college and university archives**. Lanham, Maryland, London: Society of American Archivists, 1992. 430p.

• MARTINS, Roberto de Andrade. O sistema de arquivos da universidade e a memória científica. In: **Seminário Nacional de Arquivos Universitários**, 1., 1992, Campinas. Anais. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 27-48.

• MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memórias e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

• OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. Arquivos pessoais e documentos digitais: uma reflexão em torno de contradições. **Revista Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-48, jan/jun. 2008.

• SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. **A Arquivística no Laboratório: história, teoria e métodos de uma disciplina**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

• \_\_\_\_\_. A ciência, os cientistas e os seus arquivos. **Revista Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jan/jul., p. 21-33, 2008.

• SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. Avaliação de Documentos de Interesse para a História da Ciência. In: **Encontro de Arquivos Científicos**, 1, 2003, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006, p. 99.

• \_\_\_\_\_. Documentando a Atividade de Ciência e Tecnologia: Principais Questões. **Revista Registro**, São Paulo, Ano V/VI, n. 5/6, p. 37-43, jul. 2006 / maio 2007.

• \_\_\_\_\_. **Visitando laboratórios: o cientista e a preservação de documentos**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; São Paulo, 2007.

• SMIT, Johanna W. A documentação e suas diversas abordagens. In: GRANATO, Marcus; Loureiro, Maria Lucia N. (org.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. (Mast Colloquia, v. 10).

• VAZQUEZ, Manuel. Casos especiales de documentos de archivo: documentos tridimensionales. In: **Introducción a la Archivología**. Santafe de Bogotá. Archivo General de la Nación de Columbia, 1997, p. 45-48.

• WELFELÉ, Odile. **A Proveta arquivada: reflexões sobre os arquivos e os documentos oriundos da prática científica contemporânea**. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 2 n. 1, p. 65-72, jun. 2004.

## ARQUIVOS E ADMINISTRAÇÃO PROVINCIAL: ANÁLISE RETROATIVA DO DESENVOLVIMENTO NA GESTÃO PÚBLICA ARQUIVÍSTICA NO BRASIL

Taiguara Villela Aldabalde

Mestre em Arquivística, linha de História Social na USP (Univ. de São Paulo), atualmente é professor da Universidade Federal do Espírito Santo alocado no Departamento de Arquivologia. Correspondente da Academia Brasil-Europa de Ciência da Cultura, Comendador da Medalha Mérito Tiradentes cadastrada pelo Exército nº183. Ex-empresário na área de Serviço de Arquivo, foi Consultor para mais de 25 empresas em funcionamento.

taiguara@usp.br

### RESUMO

*Tendo por base a pesquisa sob a tutela da Profª Drª Ana Maria Camargo, que orientou a investigação que incluiu 216.187 páginas de relatórios da alta administração brasileira, em especial, dos presidentes de província, este artigo busca demonstrar as relações entre os arquivos e administração na Época do Império. A partir da abordagem teórica que considera a História dos arquivos como resultado da História administrativa, se busca expor circunstancialmente o desenvolvimento da gestão pública dos arquivos durante os governos presidenciais retroagindo as provinciais. O método adotado é de pesquisa documental a partir da legislação, bibliografia e dos relatórios dos presidentes de província como forma de coleta de dados em relação ao recorte temático. As conclusões são: (a) os arquivos são indispensáveis a administração e chaves para a História administrativa; (b) os arquivos possuem presença unânime nas administrações provinciais; (c) os arquivos são vetores de diferenças entre as administrações provinciais; (d) o ponto comum entre as administrações das províncias é a necessidade constante do profissional arquivista.*

**Palavras-chave:** Arquivo - Administração provincial - História administrativa - História dos arquivos

### ABSTRACT

*Based on the investigation that included 216,187 pages of Presidential's Reports in Empire, this article seeks to demonstrate the relationships between records/archives and administration. The theoretical approach considers the History of Archives as a result of Administrative History. This article expose the development of public management of the records/archives during the provincial governments. The method used is archival research including the law, literature and the reports from the provincial presidents. The conclusions are: (a) records/archives are essential keys to the administration and administrative history, (b) records/archives are present in all provincial administrations, (c) records/archives are vectors of differences between the provincial administrations, (d) the common point between the administrations of the provinces is the need of archivists.*

**Keywords:** Archive - Records - Provincial Administration - Administrative History - History of Archives